

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

**Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de História**

Larissa Macedo Garcia

O desfecho da Segunda Guerra Mundial nos jornais de Uberlândia

Uberlândia
11 de dezembro de 2015

Larissa Macedo Garcia

O desfecho da Segunda Guerra Mundial nos jornais de Uberlândia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de bacharel em História.

Orientador: Marcelo Lapuente Mahl

Uberlândia
11 de dezembro de 2015

“Primeiro, a utopia é, provavelmente, um dispositivo social necessário para gerar esforços sobre-humanos sem a qual nenhuma grande revolução é alcançada.”
Eric Hobsbawn

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo mostrar e analisar as matérias relacionadas à Segunda Guerra Mundial encontradas nos jornais de Uberlândia do ano de 1945. Para isto, foram utilizados os seguintes jornais: *Correio de Uberlândia* e *O Repórter*, ambos sob a guarda do Arquivo Municipal de Uberlândia. Através de pesquisa bibliográfica, há a construção de uma discussão teórica acerca do cenário mundial e nacional durante a Segunda Guerra Mundial, dessa forma é possível fazer um paralelo entre o macro e micro no que tange à história local. Este trabalho também busca discutir o impacto político militar em razão da descoberta da energia nuclear e o lançamento de bombas atômicas durante o período da guerra.

PALAVRAS-CHAVE: Segunda Guerra Mundial; jornais de Uberlândia; energia atômica.

Abstract

This work aims to show and analyze the newspaper reports related to World War II found in Uberlândia newspapers in 1945. For this the following papers were used: Correio de Uberlândia and O Repórter. Both under the custody of the Municipal Archives of Uberlândia. Through the bibliographic search, there is the construction of a theoretical discussion about the national and global stage during World War II, that way is possible to make a parallel between the macro and the micro with respect to local history. This energy and the release of the atomic bombs during the war period.

KEYWORDS: World War II; Uberlândia's Newspapers; Atomic Energy.

Sumário

1	Introdução.....	8
1.1	O uso dos jornais.....	8
1.2	Imprensa em Uberlândia e os jornais utilizados na pesquisa.....	9
1.3	A pesquisa.....	11
1.4	<i>Correio</i> de Uberlândia.....	12
1.5	<i>O Repórter</i>	13
1.6	Contradições na sociedade uberlandense na década de 1940.....	14
2	Segunda Guerra Mundial.....	16
2.1	A Segunda Guerra Mundial e o Regime Nazista.....	16
2.2	A Segunda Guerra Mundial e o envolvimento do Brasil na guerra.....	19
2.3	A Força Expedicionária Brasileira.....	21
2.4	As bombas atômicas.....	24
3	Fatos relativos à Segunda Guerra Mundial retratados nos jornais de Uberlândia.....	29
3.1	Considerações gerais.....	29
3.2	Jornal <i>Correio</i> de Uberlândia.....	29
3.2.1	“Rendeu-se a Alemanha?”, <i>Correio de Uberlândia</i> , de 29 de abril de 1945.....	29

3.2.2	“Executado Benito Mussolini e mais 17 comparsas”, <i>Correio de Uberlândia</i> , 03 de março de 1945.....	30
3.2.3	“A valorização dos Brasileiros”, <i>Correio de Uberlândia</i> , de 15 de julho de 1945.....	31
3.2.4	“As transcendentais revelações das novas forças utilizadas e medicina – O progresso da arte de curar – A Bomba Atômica”, <i>Correio de Uberlândia</i> , de 18 de agosto de 1945.....	33
3.2.5	“A despeito da energia Atômica”, <i>Correio de Uberlândia</i> , de 01 de setembro de 1945.....	34
3.2.6	“O desequilíbrio político do após Guerra”, <i>Correio de Uberlândia</i> , de 28 de setembro de 1945.....	35
3.2.7	“Estes são os bravos expedicionários de Uberlândia”, <i>Correio de Uberlândia</i> , 14 de outubro de 1945.....	36
3.2.8	“Tráfico de mulheres no Japão”, <i>Correio de Uberlândia</i> , de 10 de novembro de 1945.....	38
3.2.9	“A humilhação da Mulher Alemã”, <i>Correio de Uberlândia</i> , de 15 de dezembro de 1945.....	39
3.3	<i>O Repórter</i>	42
3.3.1	“O fim da Guerra: A cidade viveu momentos emotivos – O desfile dos estabelecimentos de ensino – Outras notas”, <i>O Repórter</i> , de 09 de maio de 1945.....	42
3.3.2	“Fatos de guerra”, <i>O Repórter</i> , de 24 de novembro de 1945.....	43
4	Considerações	
	Finais.....	46
	Referências.....	48
	Anexos.....	50

1 Introdução

1.1 O uso dos jornais

Segundo o resumo do trabalho “A Educação como fatos de ‘Ordem e Progresso’ (Uberlândia-MG 1920-1945)” de Máximo e Neto (2001), no Censo de 1940 a população de Uberlândia é de 42.179 habitantes, sendo sua maioria não alfabetizada. Dessa forma, é possível deduzir que os jornais impressos eram escritos e destinados à elite uberlandense.

Entretanto, é interessante notar nas páginas do jornal *Correio de Uberlândia* de 1945 uma preocupação no que diz respeito à taxa de analfabetismo. Além de uma matéria que chama a atenção para a grande quantidade de habitantes da cidade de Uberlândia que não sabe ler e escrever, há em vários jornais daquele ano uma chamada pedindo que pessoas alfabetizadas ensinem os analfabetos a ler e escrever. É possível que neste período, o jornal *Correio de Uberlândia* tivesse interesse em aumentar seu alcance.

Campos (2012) discute a importância dos jornais no Brasil nos séculos XIX e XX. Segundo a autora os jornais são sujeitos da história e adquiriram prestígio na vida cultural brasileira. Ela cita Floriano de Lemos:

Na vida intellectual como no progresso material dos povos, a imprensa apparece como uma das mais poderosas alavancas para levantal-os ao nível da verdade civilisação

[...]

A imprensa é um poder sobrehumano que vence todos os obstáculos, destroe os mais sólidos edifícios e levanta os ânimos abatidos transformando-os em energias robustas e benéficas [...]

Contudo, é preciso ter cuidado e atenção à subjetividade dos jornais e às intenções de seus escritores. As escolhas do que é noticiado e do que é deixado de lado são de suma importância na análise da fonte.

Outro fator relevante no que diz respeito à pesquisa das fontes é o cuidado do historiador contemporâneo ao olhar o objeto de outro tempo. Desde as matérias até as propagandas de produtos e serviços, é muito comum encontrar matérias que seriam quase absurdas se impressas nos jornais do século XXI. É preciso esforço para se distanciar, na medida do possível, e analisar a fonte com o compromisso de um historiador. Ao mesmo tempo, não

podemos ser indiferentes ao seu conteúdo, que, no caso dos jornais, foram grandes formadores de opiniões, de padrões de comportamento e de estilo de vida.

Campos observa que não se pode olhar para as redações dos jornais como um local “maquiavélico” de produção de alguns grupos em relação a outros. Ela fala de interesses comuns entre quem escreve e quem lê os jornais e, ao mesmo tempo, ressalta:

Bem sabemos que os jornais são antes de tudo ambientes de sociabilidade entre pares, espaços de visibilidade de determinados grupos e de silenciamento de outros; locais privilegiados para a constituição de distinções simbólicas e para a construção, reconfiguração e exposição de valores, ideias e sensibilidades. Mas eles são veículos peculiares, porque também se constituem como suportes de diferentes temporalidades e de falas que emanam tanto do tempo presente, do acontecimento ou da opinião imediata, da notícia dada em primeira mão [...] quanto de um passado às vezes imemorial. (CAMPOS, 2012).

Dessa forma, a polêmica em torno das “verdades” presentes nos jornais é considerada uma desconfiança superada por Campos. Para além dos conteúdos contidos nos jornais, estes são acima de tudo um retrato cultural e até político de seu tempo. As escolhas feitas em relação ao que está e o que deixa de estar nos impressos são verdades a serem analisadas. A autora diz que a imprensa é um local em que encontramos o real e a ficção, o que não deve ser visto como uma falha, mas como uma peculiaridade desta fonte.

Campos ainda chama a atenção para a natureza dos jornais a partir do século XX, quando algumas produções dos periódicos teriam se tornado, sobretudo, empresas jornalísticas. Tendo isso em mente, no que concerne à pesquisa, a autora considera relevante o historiador/pesquisador observar a acessibilidade ou a falta dela quando se trata dos jornais a serem pesquisados. Sua conservação e quem os guarda e qual seriam os interesses de tal preservação até a atualidade.

1.2 Imprensa em Uberlândia e os jornais utilizados na pesquisa

Segundo o historiador e memorialista Jerônimo Arantes, o primeiro jornal impresso de Uberlândia¹, então Uberabinha, foi criado sob o título *A Reforma*.

¹ Dados extraídos do texto “História da Imprensa em Uberlândia” de Dalbas Junior (pseudônimo de Jerônimo de Arantes). O documento está no Arquivo Municipal de Uberlândia impresso em duas folhas no formato A4, mas teria sido publicado primeiramente no jornal *Correio Católico* (periódico de Uberaba) em 31 de agosto de 1961.

Sua criação teria se dado em 17 de janeiro de 1897 e circulara por catorze meses. Seu fundador seria o professor uberabense João Luiz da Silva. Arantes cita que *A Reforma* dispunha de um conteúdo que “defendia os interesses do município”.

Um mês após a extinção de *A Reforma*, surge a *Gazeta de Uberabinha*, que esteve em circulação na cidade no período de 1898 a 1900. Seu redator-chefe seria José Nóden de Almeida Pinto, promotor da Comarca local.

Arantes critica o periódico, afirmando que, ao contrário de *A Reforma*, a *Gazeta de Uberabinha* limitava-se a notícias referentes à Câmara Municipal, que muitas vezes continham “bajulações” em relação aos que estariam no poder público. Ele diz, ainda, que nesse período a imprensa independente havia desaparecido, dando espaço a uma expansão privada de um órgão oficial.

Com o desaparecimento de a *Gazeta de Uberabinha*, em junho de 1900 surgiu o *Cidade de Uberabinha* que teria o estilo de publicação semelhante ao da *Gazeta*. Três anos depois, foi criado o periódico *A Semana*, que teria um caráter mais independente, sob a orientação do advogado e jornalista Francisco Itajiba. Estes seriam os jornais que circularam em Uberlândia (então Uberabinha) no início do século XX.

Uma vez que o jornal *Correio de Uberlândia* ainda é veiculado na cidade, é um pouco mais fácil obter informações a seu respeito através de exemplares atuais comemorativos.

O *Correio de Uberlândia* foi fundado no ano de 1938 por Osório José Junqueira, produtor rural que possuía outros sete jornais em outras cidades. A princípio a periodicidade do jornal era irregular e Luiz Néelson Junqueira, filho de Osório, era quem o administrava.²

Na década de 1940, o *Correio de Uberlândia* foi vendido a um grupo pertencente à União Democrática Nacional (UDN). Dessa forma, durante as décadas de 1950 e 1960 o jornal teria uma estreita relação com a UDN, por isso teria passado por momentos difíceis logo após o suicídio de Getúlio Vargas em 1954.

Na década de 1970, o jornal já era veiculado na cidade de terça a sábado. No ano de 1986, o *Correio de Uberlândia* é comprado pelo grupo Algar, que assume o controle acionário até o presente momento. A partir desta nova administração, o jornal sofre mudanças editoriais e gráficas.

² Dados extraídos do texto de comemoração dos 75 anos do jornal *Correio* escrito por Gleide Corrêa.

Disponível em: <http://www.correiodeuberlandia.com.br/institucional>. Acesso em: 1º dez. 2015.

Em 1991 o *Correio de Uberlândia* passa a se chamar *Correio do Triângulo*. No ano de 1995, o jornal se firma com o nome *Correio*, nomenclatura utilizada até hoje. No mesmo ano é criado um *site* no qual o material impresso é disponibilizado também *online*.

Atualmente, o *Correio* é o único jornal veiculado em Uberlândia. Ou seja, é a única opção para quem ainda consome esse tipo de mídia e/ou a utiliza para pesquisas contemporâneas.

Em relação ao *O Repórter*, ficam lacunas. A única informação obtida foi a de que o jornal foi fundado no ano de 1925 por Arthur Barros. Infelizmente não foi possível localizar na internet e/ou no Arquivo Municipal qualquer informação sobre seu fundador.

1.3 A Pesquisa

O presente trabalho tem como objetivo mostrar e analisar como o ano de 1945 e o desfecho da Segunda Guerra Mundial foram retratados nos jornais de Uberlândia.

O rol de trabalhos que abrangem a Segunda Guerra Mundial é extenso, e a presença deste conflito e do nazismo em inúmeros documentários, livros e revistas que chegam ao público que não é da área da História, evidencia uma sede de querer saber mais, uma busca rumo à compreensão de como tal barbárie encontrou espaço na sociedade do século XX. As ideias tratadas neste trabalho através das matérias dos jornais não são conteúdos congelados no passado. Sobre isso, aliás, Bloch (2001, p.52) diz:

A própria ideia de que o passado, enquanto tal, possa ser objeto de ciência é absurda. Como, sem uma decantação prévia, poderíamos fazer, de fenômenos que não têm outra característica como a não ser não terem sido contemporâneos, matéria de conhecimento racional?

As ideologias como as que se encontram no pensamento nazista, especialmente no que diz respeito à xenofobia, não se encontram totalmente no passado. E são justamente os paralelos com a atualidade que tornam ainda mais pertinentes trabalhos como este.

Quanto à pesquisa nos jornais de Uberlândia, é importante ressaltar que muitas das matérias encontradas sobre esta temática nos periódicos da cidade foram produzidas por correspondentes no exterior e enviadas de metrópoles, como São Paulo e Rio de Janeiro, ou seja, não são produções locais.

Os dois jornais presentes no Arquivo Municipal de Uberlândia que contemplam esse período são *Correio de Uberlândia* e *O Repórter*. O primeiro, como mencionado, ainda é veiculado em Uberlândia, agora com o nome *Correio*. A produção do segundo não é mais existente.

Os exemplares dos dois jornais estão, em geral, em bom estado de conservação e bem armazenados. Eles se encontram encadernados em ordem cronológica. No caso do jornal *O Repórter*, por alguma razão, a encadernação foi feita em ordem cronológica, porém de trás para frente. O material é muito organizado e os funcionários do Arquivo, bem preparados, sendo necessárias poucas informações para localizar os jornais solicitados. Infelizmente eles não sabem informar com muita precisão dados como autoria de matéria ou data em que os jornais foram fundados. Seu domínio se restringe ao material arquivado.

Sobre a temática, foram encontrados no Arquivo 196 documentos, entre matérias e fotografias, no jornal *Correio de Uberlândia*; e 78 matérias no jornal *O Repórter*. Do total delas, onze foram selecionadas para análise e discussão.

1.4 *Correio de Uberlândia*

Em geral, as matérias do jornal *Correio de Uberlândia* contêm notícias a respeito de eventos militares e políticos relativos à guerra. É possível observar algumas matérias bem críticas e ácidas em relação à Hitler e à Alemanha. O jornal *Correio de Uberlândia*, durante o ano de 1945, critica a Alemanha nazista e seu *Führer* e comemora suas derrotas. Os países do Eixo são retratados o tempo todo como grandes inimigos.

Outro fator bem presente no jornal é o constante enaltecimento da participação do exército brasileiro e seus soldados. Como não poderia ser diferente, em um período no qual o patriotismo ainda estava efervescente, questionamentos como o porquê de o Brasil ainda não ser uma potência também estão presentes em vários momentos.

Algumas matérias a respeito da guerra não ganham tanto destaque quanto outras na composição das páginas do jornal, são tratadas como pequenas notas. Outras, em contrapartida, estão no topo da primeira página em letras grandes e chamativas. Seria impossível passar o olho e não ler ao menos o título. A maioria dessas matérias ocorreu de fato em dias decisivos do conflito, especialmente ligadas à derrota alemã. O mês de abril, que teve grandes desfechos em relação à queda da Alemanha nazista, foi o que teve mais publicações acerca da Segunda Guerra.

É constante a discussão e a preocupação sobre o futuro da Alemanha no pós-guerra. Em relação a outros países, a destruição instaurada naqueles que foram palcos da guerra é amplamente relatada e discutida. A fome e a necessidade de reconstrução das cidades são assuntos de matérias que muitas vezes não estão nos topos das páginas, mas que são frequentes.

A morte de Adolf Hitler e de Benito Mussolini também ganha destaque nas páginas dos jornais mineiros, principalmente no primeiro semestre de 1945. Há até a discussão acerca do paradeiro do corpo de Hitler e relatos de comemorações populares em Uberlândia para festejar a morte dos líderes fascistas.

No segundo semestre de 1945, as reportagens referentes à guerra perdem um pouco o destaque, dando espaço para outros assuntos, como, principalmente, a eleição presidencial, que ocupa várias capas de jornais. Um detalhe técnico a respeito da pesquisa deste período; o caderno que contém os jornais de julho a dezembro está com a conservação um pouco prejudicada. Algumas páginas estão consideravelmente danificadas.

Um dos fatores focados na presente pesquisa é como a bomba atômica, evento altamente marcante, principalmente na sociedade do século XX, foi retratada nos jornais locais. Uma vez que no ano de 2015 os ataques a Hiroshima e Nagasaki completam 70 anos, lembrar algumas discussões acerca destes eventos e da descoberta da energia atômica pode ser pertinente.

Em relação à autoria das matérias presentes nos jornais, elas se dividem entre as que têm seus autores identificados no início ou no final da reportagem e aquelas que não possuem qualquer tipo de identificação a respeito de seu autor. Estas últimas parecem ter vindo de correspondentes do jornal que se encontravam fora do Brasil. Isto porque a maioria das matérias sem identificação de autoria são notícias vindas de outros países, muitas vezes começando de fato com o nome do país em questão.

1.5 O Repórter

A grande maioria das matérias referentes a acontecimentos da Segunda Guerra Mundial aparecem em uma seção que de janeiro até aproximadamente a metade de fevereiro se chama “Noticias da Guerra”, de fevereiro a meados de setembro, passa a se chamar “Cousas da Guerra”, e em seguida assume o nome de “Fatos da Guerra”.

Dentro desta seção, é possível encontrar algumas notícias e fatos relativos à guerra que são relatados em espécies de tópicos. Cada edição contém em média cinco tópicos, podendo variar para mais ou para menos. Logo abaixo do nome da seção há sempre “Seleção do Serviço Interaliado especial para ‘O Repórter’”, entre parênteses, como forma de autoria. Assim como ocorre nas matérias não assinadas do jornal *Correio de Uberlândia*, as notícias parecem vir de correspondentes do jornal situados fora do Brasil. Algumas vezes junto com essas notícias há cartas e discursos de grandes líderes mundiais do período.

Em todo o ano de 1945, apenas onze matérias se encontram fora dessa seção e com um título próprio. Em parte, este fato está ligado à diferença considerável no número de matérias a respeito da guerra entre o *Correio de Uberlândia* e *O Repórter*. Afinal, dentro de uma só seção do jornal, geralmente, havia mais de uma matéria.

1.6 Contradições na sociedade uberlandense na década de 1940

A despeito de toda essa demonstração de desprezo pelo regime nazista que ocorreu em 1945, no documentário *Uberlândia – Cidade Menina* (acredita-se que da década de 1940)³, dirigido por Emilio Sirkin e patrocinado pelo jornal *Correio de Uberlândia*, há uma cena interessante filmada no Rotary Club, na qual políticos participam de um jantar ao lado de suas esposas e ao fundo do salão está uma grande bandeira dobrada junto a outras, como a do Brasil, que parece ser do regime nazista, o que pode ser confirmado ao aparecer sobre as mesas, junto a pequenas bandeiras de diversos países, a miniatura da bandeira nazista.

O documentário não contém a informação do ano exato em que foi produzido, contudo o prefeito que atuava naquele momento na cidade de Uberlândia é Vasco Giffoni, que esteve no poder de 1936 e 1943. É possível ver o distinto prefeito trabalhando em sua mesa, fumando um cigarro ao lado de uma vistosa fotografia de Getúlio Vargas.

A constante repetição da palavra “moderna” no curta-metragem evidencia que seu principal objetivo é mostrar Uberlândia como uma cidade próspera e moderna. Após mostrar o ritmo acelerado dos carros nas ruas asfaltadas, o comércio movimentado e a estação de trem lotada, o espectador sem dúvidas

³ Documentário disponível em <<http://close.com.br/museu/uberlandia-cidade-menina-2/>>.

recebe a mensagem que é reafirmada pela última frase proferida pelo narrador: “Ninguém mais poderá frear o surto de progresso de Uberlândia”.

2 Segunda Guerra Mundial

2.1 A Segunda Guerra Mundial e o Regime Nazista

A Segunda Guerra Mundial sem dúvida foi um dos conflitos mais marcantes de toda a história da humanidade porque, durante o conflito, o maior número de mortos se deu de forma brutal e fora dos campos de batalha. Além do número exorbitante de mortes ocorrido no período da guerra, de 1939 a 1945, a energia nuclear que teve seu poder demonstrado através dos ataques ao Japão no último ano do conflito, foi um fator marcante na história política e na corrida armamentista.

Os países envolvidos de forma direta no conflito se dividiram basicamente em dois blocos: Aliados, cujas grandes potências eram URSS, Estados Unidos e Inglaterra, e o Eixo, Alemanha, Itália e posteriormente Japão.

Invasões de territórios e quebra de tratados foram as principais causas das declarações de guerra. Questões políticas, econômicas e conflitos paralelos à Segunda Guerra ajudaram a moldar o período de guerra como o conhecemos.

É inviável falar de Segunda Guerra sem discorrer acerca do regime nazista. Regime este que teve como principal líder umas das figuras históricas mais icônicas; Adolf Hitler.

Em pleno século XXI, inúmeros trabalhos já foram feitos tendo como foco o *Führer*, por esta razão não me atarei à discussão sobre sua história e sua personalidade. Esta etapa deste trabalho como objetivo fazer alguns apontamentos acerca de acontecimentos que envolvem a Segunda Guerra, alguns destes serão aprofundados na etapa em que discuto o envolvimento do Brasil no conflito.

Sendo assim, alguns apontamentos sobre a Alemanha nazista não poderiam deixar de ser feitos. Um deles é sem dúvida os campos de concentração que ainda hoje consistem em um dos maiores horrores já vividos pela humanidade. Há quem considere que grande parte da sociedade alemã no período do regime nazista não estava ciente do que acontecia dentro dos campos de concentração, entretanto vários autores, entre Robert Gellately com sua obra *Apoiando Hitler* (GELLATELY, 2011) e Alcir Lenharo, defendem que sim, não só a maior parte da sociedade alemã, mas a opinião pública internacional, estavam cientes da existência dos campos de concentração e o que ocorria dentro de suas paredes. Gellately diz:

Diferentemente do que foi transmitido, a população alemã fez mais do que aceitar o “bem” que o nazismo trouxe (para a economia, por exemplo) e rejeitar as instituições malignas. Pelo contrário, Hitler teve grande sucesso em obter o apoio, de um modo ou de outro, da maioria dos cidadãos. O consenso formou-se com rapidez, mas era e permaneceu pluralista, diferenciado e, às vezes, inconsistente. [...] os alemães em geral se revelavam orgulhosos e contentes por Hitler e seus asseclas estarem afastando certos tipos de pessoas que não se encaixavam ou que eram consideradas “outsiders”, “antissociais”, “bocas inúteis” ou “criminosas”.

Segundo Lenharo, nessa negação de que havia um conhecimento geral sobre a brutalidade nazista seria uma forma de esconder a degradação a que a vida humana teria chegado nestas experiências. A sociedade alemã além de estar bem informada sobre o tratamento dado aos judeus, apoiava de forma geral a política de guerra do regime nazista. Lenharo diz que “os assassinos e a população civil estabeleciam um sinistro pacto de cumplicidade” (LENHARO, 1986). Este apoio popular teria sido expressivo entre os estudantes e professores universitários.

A princípio, o apoio por parte dos trabalhadores viria a partir da propaganda nazista que vendia mais do que a ideia do fim da crise financeira e do desemprego, mas uma profunda mudança no sistema capitalista. Estas propagandas tocariam em pontos tão caros à esquerda como nacionalização das indústrias monopolistas, participação dos trabalhadores nos lucros e reforma agrária.

De fato entre 1924 e 1929, devido aos empréstimos concedidos pela Inglaterra e pelos Estados Unidos (Plano Dawes), a economia alemã melhora, porém com a quebra da Bolsa de Nova York em 1929 a taxa de desemprego volta a disparar. A crise alemã acompanhou a crise mundial, uma vez que grande parte da economia alemã estava ligada à exportação.

Neste período, em suas propagandas, o partidos nazista fazia um jogo duplo estreitando suas relações com a burguesia e ao mesmo tempo, em prol dos trabalhadores, insistindo nos fatores já citados anteriormente de cunho esquerdista.

Em 29 de janeiro de 1933 Hitler é nomeado Chanceler. No mesmo ano são criadas a Gestapo (Polícia Secreta do Estado) por Göring e a Câmara Cultural do Reich por Goebbels. É nesse período que o êxodo rural tem início. Em contrapartida, as promessas outrora feitas aos trabalhadores não são cumpridas mantendo-se assim o alto índice de desemprego.

Em 1935 a Alemanha começa seu processo de rearmamento, o que é uma violação ao Tratado de Versalhes, e aprova leis racistas contra os judeus. No ano seguinte nasce o Eixo com Alemanha e Itália. Ainda em 1936, Hitler já prevê uma guerra dentro de quatro anos.

Os trabalhadores, alvo de tantas promessas, tiveram seus salários congelados e eram controlados para evitar qualquer tipo de manifestação de resistência contra o regime nazista. Apesar de alguns incentivos, como o fornecimento de educação física e atividades culturais (incentivos estes que visavam somente características desejáveis no “homem ariano superior”), os trabalhadores reagiram a todo este cenário econômico com uma “resistência passiva”, como chama Lenharo, através da baixa produtividade e desinteresse pelo trabalho.

Ainda com relação ao regime nazista, Alcir Lenharo nos fala na indústria cinematográfica que teria produzido 1.350 longas-metragens que eram usados ao mesmo tempo para enaltecer os heróis alemães e justificar o ataque aos inimigos através de retratos altamente negativos de judeus, ingleses, russos e franceses. O autor aponta ainda:

O ponto mais interessante desses filmes superdoutrinários reside no fato de projetarem sobre os inimigos externos, práticas obscuras que estavam sendo alimentadas na própria Alemanha: campos de concentração, perseguição, tortura, genocídio de civis.

Hannah Arendt relembra que o antissemitismo alemão não era de forma alguma originário do nazismo, porém a novidade implantada pela propaganda nazista foi transformar o que seria um “povo diferente” em uma ameaça íntima ao indivíduo alemão. Os judeus eram então responsabilizados pelos problemas que a Alemanha vinha passando. Desta forma, de acordo com a ideologia nazista, seria plausível conceber uma ideia como a solução final, visando o extermínio de tal “ameaça”.

Como a ordem nazista era a de destruição, com a derrota do regime nos fins da Segunda Guerra, em setembro de 1944 Hitler dava ordens para que todo o patrimônio nazista fosse destruído antes que os inimigos pudessem possuí-lo. Desde documentos até a arquitetura deveria ir ao chão antes de qualquer invasão. Desta forma é plausível contextualizar o suicídio do líder nazista, a despeito de especulações acerca das circunstâncias de sua morte, uma vez que o *Führer* não poderia conceber a ideia de vivências a derrota nazista e o triunfo de seus grandes inimigos pertencentes aos países Aliados.

2.2 A Segunda Guerra Mundial e o envolvimento do Brasil na guerra

A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial é, como diz Maria Aparecida de Aquino em *Segunda Guerra Mundial: Um balanço histórico* (COGGIOLA, 1995), um desafio à coerência. Afinal, o governo varguista que tanto se aproximava ao de Hitler e Mussolini se une aos Aliados, que contavam até mesmo com comunistas (URSS).

Até fins de 1941, o que prevalecia no discurso brasileiro era uma neutralidade otimista, mesmo levando em conta alguns discursos de Vargas, como o que ocorreu nas comemorações de 07 de setembro deste mesmo ano, em que ele diz que “existe arraigado no coração de todas as praias do Atlântico às do Pacífico, o sentimento da inviolabilidade do patrimônio continental” e que “qualquer agressão, venha de onde vier, há de encontrar-nos formando o bloco mais numeroso de nacionalidades que já constituem uma aliança defensiva” (SEITENFUS, 2003).

Contudo, no dia 07 de dezembro de 1941, o Japão ataca a base norte-americana de Pearl Harbor. No dia seguinte, os Estados Unidos declaram guerra contra o Japão. No dia 11 de dezembro, Alemanha e Itália unem-se ao Japão, entrando em guerra contra os Estados Unidos.

Diante deste cenário, os países sul-americanos, com exceção da Argentina, se declaram solidários aos Estados Unidos.

Nos fins do ano de 1941, diferentemente dos períodos anteriores, o Brasil tem seus interesses bem definidos colocados em prática através de política externa. Seitenfus aponta:

Ainda que as contradições sejam numerosas, a tendência governamental é a da defesa de interesses objetivos, sejam eles econômicos ou militares.

O Brasil por várias vezes se alça ao nível de seus importantes parceiros e não teme fazer um jogo duplo que lhe concede resultados substanciais. Estes serão fundamentais no período seguinte e alcançados com a devida transparência, na medida em que o Rio de Janeiro se colocará definitivamente ao lado dos Aliados.

Na tentativa de intimidar e apelar contra a decisão da possível entrada efetiva do Brasil no conflito, os embaixadores dos três países do Eixo enviam ao Itamaraty, em janeiro de 1942, uma carta em que fazem ameaças caso o Brasil de fato rompa relações diplomáticas com Alemanha, Itália e Japão. O embaixador japonês diz que os governos dos países sul-americanos que dão

assistência aos inimigos do Japão “se lançam por sua própria iniciativa no flagelo da guerra” e “é de se temer que surja uma situação inquietadora nas relações nipo-brasileiras” (SEITENFUS, 2003). Oswaldo Aranha responde à ameaça dizendo que, naquele momento, o Brasil está livre para escolher seu caminho e que a possibilidade de rompimento de suas relações comerciais e diplomáticas com o Eixo, por si só, não seria uma declaração de guerra. O Eixo, no entanto, parece julgar que, neste caso, a guerra está declarada.

Ainda em janeiro de 1942, na Conferência Pan-Americana ocorrida no Rio de Janeiro, Oswaldo Aranha declara que a partir daquele momento o Brasil rompe suas relações diplomáticas e comerciais com os países do Eixo.

Antes de o Brasil se posicionar oficialmente a favor dos Aliados, estudantes cariocas da UNE já clamavam a necessidade de o Brasil lutar contra o Eixo. Em julho de 1942, esses estudantes organizam uma passeata em que defendem a entrada de soldados brasileiros na guerra e que o Brasil rompesse oficialmente com a Alemanha e a Itália.

No mês seguinte, com o afundamento de navios brasileiros (*Baependi*, *Araraquara* e *Anibal Benévolo*) na costa de Sergipe, que deixou 548 mortos, e com a revolta popular causada por tais eventos, uma insistência na neutralidade brasileira no conflito seria insustentável. Uma reação seria indispensável considerando as perdas de vidas humanas e bens materiais, mas, acima de tudo, a honra brasileira.

Em decorrência disto, em agosto de 1942, Getúlio Vargas anuncia oficialmente o posicionamento do Brasil no conflito a favor dos Aliados e declara guerra ao Eixo. Em relação ao Japão, não há um estado de guerra, uma vez que este país não atacou diretamente o Brasil, porém se mantém o rompimento das relações comerciais e diplomáticas.

Sobre a “demora” para o Brasil entrar de uma vez por todas no conflito e a natureza totalitária do governo de Getúlio Vargas, Maria Aparecida de Aquino diz:

Parece-nos, entretanto, que creditar demoras e hesitações no comportamento de nações latino-americanas ao fascínio exercido por Adolf Hitler sobre seus diplomatas é o mesmo que trabalhar na história sob o estigma dos heróis. As interpretações mais críticas e já clássicas a respeito do tema observam que países da América Latina, alguns sob a égide de regimes autoritários, comparáveis ao nazifascismo por suas práticas, como é o caso do Brasil de Vargas, passavam neste momento pela confirmação das transformações internacionais no que tange aos

laços de dependência que as ligavam a outras nações [...]. Assim, foi por pressões norte-americanas que as relações com o Eixo foram rompidas.

2.3 A Força Expedicionária Brasileira

Foi somente no início de 1943, a partir de uma reunião entre Getúlio Vargas e Franklin D. Roosevelt, que houve de fato a decisão de enviar soldados brasileiros à guerra. A Força Expedicionária Brasileira (FEB) iria à Itália.

A ideia inicial seria enviar três divisões de soldados, porém só uma foi efetivamente à guerra. Se as três divisões, que equivaliam a todo o Exército Brasileiro (60 mil homens), fossem enviadas à Itália, o território brasileiro ficaria sem um soldado sequer.

A realidade da FEB, ao contrário do que foi idealizado por Vargas, eram soldados majoritariamente de classes sociais menos abastadas e sem preparo para lidar com armas europeias com as quais nunca tiveram contato. Joel Silveira (FREITAS, 1966), correspondente de guerra enviado à Europa, diz sobre a composição da FEB:

Duas citações, que transcrevo aqui, ambas de chefes militares conceituados (um deles o próprio comandante da FEB), dão ideia clara do elemento de que se compunha a FEB, um ano antes de sua partida, e de que armamento dispunha para empenhar-se numa guerra moderna. A primeira citação é do General F. Paula Cidade. Diz êle: “Os apelos das autoridades militares, chamando para as fileiras da tropa expedicionária todos os homens aptos, ficavam sem eco entre as elites mais expressivas”. E acrescenta: “É assim, a Força Expedicionária Brasileira teve de ser organizada com a juventude pobre do Brasil”. A outra afirmação é do então General Mascarenhas de Moraes, o austero, equilibrado e determinado soldado que comandou a FEB desde sua criação até o seu retorno ao Brasil, finda a guerra: “Antes da Segunda Guerra Mundial, o Exército Brasileiro adquiria a totalidade de seu aparelhamento bélico na Europa, o que significava afirmar que não havia, entre os reservistas convocados e os soldados aproveitados na FEB, elementos que houvessem visto, pelo menos, o material que iria utilizar.

Luis Felipe da Silva Neves (COGGIOLA, 1995) escreve em tom de defesa em relação à FEB. Ele protesta que há uma escassez de trabalhos que abordem o tema. Dialogando com outros autores, os poucos que segundo o

autor teriam se interessado em falar sobre a FEB, Neves nos mostra relatos de brasileiros e norte-americanos que tiveram contato com a Força Expedicionária Brasileira.

É possível ver um exército em que havia racismo; um oficial reserva relata que quando autoridades europeias visitaram os soldados brasileiros, os negros eram orientados a ficar em lugares com menor visibilidade. Este fato mostra que os oficiais brasileiros com cargos mais altos aparentemente ansiavam evitar que houvesse uma percepção clara, por parte dos líderes europeus, da miscigenação do exército brasileiro.

Além destes problemas de ordem ideológica e social, considerar a falta de preparo do Exército Brasileiro, como já foi citada acima, é imprescindível para compreender a realidade de combate destes soldados. Neves defende que:

A falta de treinamento foi o pior dos males de que a FEB padeceu. Como esperar que a tropa tenha um bom desempenho se as tarefas, as metas, os métodos de operar e os problemas a superar apresentam novidades, são diferentes, tudo produto de uma complicada guerra global e mecanizada, enquanto os oficiais do exército nacional pouco treinavam as discriminadas fileiras? Não havia uma aproximação entre oficiais e praças como nas armas alemãs e americanas.

É importante considerar este último tópico apontado por Neves. Nas inevitáveis comparações entre os exércitos brasileiro e norte-americano que lutaram “lado a lado” nesta fase da Segunda Guerra, este é um ponto relevante. As noções de hierarquia eram divergentes. O afastamento excessivo entre oficiais e soldados no exército brasileiro deixava transparecer aos outros os problemas de ordem social, como o racismo citado anteriormente. O contato dos soldados brasileiros com elementos democratizantes presentes no exército norte-americano era coibido.

Neves mostra a visão dos norte-americanos em relação ao exército brasileiro através de relatórios feitos na Itália no período da guerra, nos quais o desempenho da FEB era avaliado.⁴ Nesses relatórios, era possível ver um absoluto repúdio em relação à “falta de higiene” dos brasileiros, entre outros elementos que os desqualificam. Nem os oficiais brasileiros escapavam das críticas, uma vez que ocorreu de jogarem lixo no chão, ao invés de manter a limpeza no local em que se encontravam.

⁴ *Reports* feitos por oficiais da BLD (Brazilian Liaison Detachment) que tinham como objetivo principal “facilitar o entrosamento das forças brasileiras com a estrutura de funcionamento de um exército dos Estados Unidos” (BLD, 1944, *apud* Coggiola, 1995).

A influência ianque a partir deste período não pode ser ignorada; desde a compra de armamentos até o treinamento dos soldados foram preparados pelos Estados Unidos e o convívio da FEB com os soldados norte-americanos durante a Segunda Guerra foi intenso.

Um ponto crucial a ser apontado pela natureza deste trabalho é a cobertura dos acontecimentos da Segunda Guerra pela imprensa. Luis Neves alega que nenhum correspondente brasileiro foi à linha de guerra, por isso era muito comum notícias acerca do cotidiano dos soldados, porém os relatos a respeito dos combates propriamente ditos são escassos.

Além da falta de preparo dos jornalistas para estar no campo de batalha junto aos soldados, ao contrário do que ocorra com os jornalistas norte-americanos, a censura foi o maior empecilho no que diz respeito à cobertura da guerra pelos correspondentes brasileiros. Somente em dezembro de 1944 é que os correspondentes puderam acompanhar a FEB; antes somente os representantes do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) poderiam fazê-lo. E mesmo com os correspondentes na Itália, muito do material produzido, censurado pelo governo, não constava nos meios de imprensa brasileiros.

Mais de quatrocentos soldados brasileiros perderam a vida na Segunda Guerra. Estes homens foram enterrados em Pistoia, na Itália. Com o término da guerra na Europa, os soldados que sobreviveram ao conflito voltam ao Brasil a partir de 18 de julho de 1945.

O contexto político no Brasil com todo o processo da guerra resulta em um cenário no mínimo interessante no que diz respeito à ainda presente contradição entre os ideais de luta no conflito (liberdade e democracia) e o governo vigente no país (totalitário). Sobre isso Seitenfus conclui:

A partir da entrada do Brasil na guerra, a situação do governo Vargas, em particular a do presidente-ditador, torna-se desconfortável. Getúlio combate oficialmente o Eixo pela liberdade e pela democracia, ao mesmo tempo mantém o país sob um regime ditatorial, cópia empalidecida das ditaduras europeias. Tal paradoxo será fatal para Getúlio Vargas, destituído pelos militares em outubro de 1945.

Muito se discute ainda hoje a respeito da real relevância da participação do Brasil na Segunda Guerra, sobre o que teria de fato mudado com a entrada dos soldados brasileiros no conflito. Entretanto, para além dessas discussões e especulações, este período simboliza um estreitamento nas relações

intercontinentais. Golpes de Estado ocorridos nas décadas de 1960 e 1970, entre outros fatos, sinalizam o domínio norte-americano no continente sul-americano. Tal domínio é consequência, principalmente, das aproximações ocorridas durante a Segunda Guerra.

2.4 As bombas atômicas

No período da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos saíram na frente na corrida armamentista e gastaram, com pesquisas e com a construção das três primeiras bombas atômicas, 2 bilhões de dólares.

Pode-se dizer que o germen da construção da bomba se deu em 1897, na França, quando Maria Sklodwska Curie descobriu o polônio e alguns anos mais tarde isolou o primeiro decigrama de rádio, o que determinaria seu peso atômico (SILVEIRA, 1989).

Depois de anos de pesquisas e de trabalho de muitos nomes da ciência, no dia 12 de julho de 1945 (fruto do Projeto Manhattan), a primeira bomba atômica começou a ser construída em Los Alamos. No dia 16 de julho de 1945, se deu a explosão da primeira bomba atômica no deserto norte-americano como forma de teste e de demonstração de poder.

Em 06 de agosto de 1945 o B-29 Enola Gay lançou em Hiroshima a segunda bomba atômica. No dia 09 de agosto deste ano, Nagasaki também conheceria o poder de destruição dessa bomba.

Joel Silveira fala a respeito da discussão que se deu entre os cientistas que participaram das pesquisas sobre a bomba atômica nos dias que antecederam seu lançamento. Segundo o autor, era de compreensão geral entre estes estudiosos que não se tratava somente de uma arma de guerra, mas de uma “arma cataclísmica”. Alguns dos cientistas teriam chegado a se opor ao uso da bomba. Uma petição teria sido elaborada solicitando que uma demonstração do poder da bomba fosse feita aos japoneses, para que estes pudessem se render antes do efetivo lançamento dela. Porém, tal documento não chegou às mãos do presidente norte-americano, se é que de fato teria sido considerado por Truman.

Ainda se discute se, de fato, o lançamento das bombas em Hiroshima e Nagasaki foi necessário para que o Japão se rendesse. Silveira aponta:

E até hoje todas as especulações a respeito podem ser resumidas em duas opiniões opostas, ambas igualmente abalizadas. A primeira é do almirante Leahy, Chefe do Estado-Maior da

Marinha norte-americana durante a II Guerra Mundial, que logo após o fim do conflito, declarou: “O emprego dessa arma bárbara, tanto em Hiroxima como em Nagasaki, não nos trouxe qualquer utilidade contra o Japão. Os japoneses já estavam derrotados, dispostos a capitular como consequência do bloqueio dos bombardeios clássicos”. A outra opinião, que difere inteiramente do ponto de vista externado pelo almirante Leahy, é a do então Secretário Simpson, que declarou logo após a guerra: “Sou testemunha de muitas decisões e declarações inflexíveis e aterradoras. Não posso simular que a guerra não é o que realmente é. O rosto da guerra é o próprio rosto da morte – e a morte faz parte de cada uma das ordens dadas por um chefe na guerra. A decisão de utilizar a bomba atômica causou a morte de mais de 100 mil japoneses; mas, entre todas as perspectivas que se apresentavam, era a menos terrível”.

Em meados de 1946, alguns dos cientistas mais renomados daquela época, junto a outros colaboradores, fizeram um livro que consiste em uma espécie de relatório, no qual discutem os efeitos científicos, políticos e sociais que surgiram ou poderiam vir a surgir a partir da invenção da bomba atômica.

Na pesquisa para este trabalho, foi possível o acesso somente à edição em português, lançada em 2008, na qual há um prefácio escrito por Richard Rhodes – esta é a única parte do livro que não foi escrita no período do lançamento de sua primeira edição, em 1946. É fascinante, antes de começar a leitura que “nos faz viajar no tempo”, pensar em fatos em que se tornaram conhecidos apenas no século XXI e que eram até então somente frutos de especulações ou mesmo impensáveis para os homens daquele tempo, quando o final da Segunda Guerra era tão recente.

Rhodes cita o Tratado de Não Proliferação Nuclear (TNP) e o Tratado de Mísseis Antibalísticos assinados, respectivamente, em 1968 e 1972. Apesar de tais tratados não terem sido “favorecidos” pelo governo de George W. Bush, houve a diminuição dos arsenais das superpotências. Em contrapartida, grupos subnacionais que “não têm nada a perder abrem novas frentes de risco” (MASTERS; WAY, 2008).

Entre os grandes nomes que estavam envolvidos de alguma forma com o processo de invenção da bomba atômica está sem dúvida J. Robert Oppenheimer. Pelo ponto de vista científico e prático, ele discorre sobre os efeitos na economia ao se produzir uma bomba atômica ao invés de uma bomba comum:

Tonelada por tonelada equivalente, os explosivos atômicos são muito mais baratos que os explosivos comuns [...]. Mas acabaremos por concluir que a suposição inicial estava correta: os explosivos atômicos aumentam enormemente o poder de destruição por dólar gasto e por homem-hora investido, perturbando profundamente o precário equilíbrio entre os esforços investidos e a extensão da destruição alcançada.

Desta forma, além de os detentores do conhecimento da energia atômica possuírem este enorme poder de destruição e terem os custos de produção mais baixos, os esforços necessários para alcançar tal destruição seriam muito menores.

Porém, ao mesmo tempo em que Oppenheimer sinaliza tamanha vantagem na detenção da bomba atômica, ele alerta que estes “poderes de destruição” não devem ser usados. Medidas de segurança em relação a sua não utilização evitariam novas guerras entre países. O físico fala de um momento de interesses em comum, em 1946, no qual os países das Nações Unidas estariam engajados em evitar uma guerra atômica. Já neste período ele prevê que, a menos que haja de fato esforços coletivos de todos os países no sentido de evitar tais conflitos, essa “cooperação” estaria fadada ao fracasso. Contudo, Oppenheimer finaliza seu discurso em tom otimista, desejando que as armas atômicas viessem a ser consideradas no futuro causadoras de boas transformações no cenário da política internacional.

Neste mesmo período, o físico-químico norte-americano Irving Langmuir se preocupa com a corrida armamentista atômica e não se mostra tão otimista quanto Oppenheimer. Neste momento em questão, os Estados Unidos são os maiores detentores do conhecimento acerca da energia atômica, a Grã-Bretanha anuncia ter planos de produzir bombas atômicas, e a URSS tem grande interesse em possuir tal tipo de energia.

Uma vez que a dimensão da capacidade de destruição da bomba atômica era de conhecimento geral devido aos ataques ao Japão, havia o sentimento de insegurança generalizado entre todos os países. Como o final da Segunda Guerra era ainda muito recente, Langmuir alerta que meios de controle internacional na fabricação de armas atômicas deveriam ser urgentemente instaurados, ou então uma corrida armamentista atômica teria início, o que desencadearia uma nova guerra.

É muito interessante o desenvolvimento da fala de Langmuir (MASTERS; WAY, 2008) ao descrever os estágios que esta “corrida” passaria, o receio do rápido avanço russo é um dos assuntos centrais:

Os russos dão a impressão de serem um povo forte, resistente e pioneiro, que sente grande orgulho por seus feitos na guerra recente. Questões de prestígio, portanto, desempenhariam um forte papel em sua motivação para obter domínio sobre a energia atômica. Se a situação internacional se encaminhar de forma a provoca insegurança crescente, creio que os russos poderiam perfeitamente lançar um programa de desenvolvimento de bombas atômicas numa escala muito maior que os que poderíamos esperar de outros países.

Langmuir fala que uma das características do povo russo seria a capacidade de abdicar de certo padrão de vida para que o governo pudesse investir seus recursos em pesquisas que futuramente viessem a trazer bons frutos ao país, diferentemente do povo norte-americano, que não teria essa qualidade. Ele discorre ainda sobre a satisfação que os cientistas russos teriam ao desempenhar suas funções, além do reconhecimento do país em relação ao seu trabalho por meio de condecorações. Segundo o químico, Estados Unidos e URSS teriam dificuldades de entendimento mútuo, desde a língua até, e principalmente, divergências ideológicas. É fascinante observar no texto de Langmuir algumas ideias referentes ao gérmen da Guerra Fria.

Ainda sobre o debate entre os cientistas acerca do uso da energia atômica, o físico Arthur H. Compton (MASTERS; WAY, 2008) parece diminuir a imensa proporção dos únicos ataques que utilizaram bombas atômicas em guerra:

A terrível explosão de Hiroshima chocou o mundo, levando-o a se dar conta de que uma catástrofe assoma ao horizonte caso a guerra não seja de todo eliminada. Esse grande temor, no momento presente, ofuscou a esperança de que a energia atômica, se lhe for dada a chance, será capaz de enriquecer enormemente a vida humana.

Langmuir (MASTERS; WAY, 2008) parece rebater essa ideia quando diz:

O uso comercial da energia atômica como substituto do carvão ou do petróleo será, por muitos anos, um assunto de importância trivial, se

comparado com os perigos que resultariam da existência de bombas atômicas.

Mesmo considerando os vários usos possíveis da energia atômica, os lançamentos das bombas em Hiroshima e Nagasaki que acabaram com a vida de milhares de civis e destruíram áreas inteiras não podem ser minimizados como “mal necessário” da guerra.

É preciso que nos conscientizemos sobre alguns números: de acordo com o *site* da Federação de Cientistas Americanos (Federation Of American Scientists) estima-se que existam atualmente, em 2015, aproximadamente 15.700 ogivas nucleares no mundo; destes, 4.100 são operacionais, ou seja, estariam prontas para uso. Deste segundo número, 1.800 pertencem à Rússia e aos Estados Unidos e estão em *high alert*, o que significa que podem ser acionadas facilmente e em curto prazo.

3 Fatos relativos à Segunda Guerra Mundial retratados nos jornais de Uberlândia

3.1 Considerações Gerais

Este capítulo se dedica a apresentar e a analisar matérias relacionadas à Segunda Guerra Mundial encontradas nos jornais *Correio de Uberlândia* e *O Repórter*.

Das 274 matérias encontradas ao longo do ano de 1945, onze foram selecionadas para análise. Destas, nove pertencem ao jornal *Correio de Uberlândia* e duas pertencem ao jornal *O Repórter*.

Primeiro serão apresentadas as matérias do jornal *Correio de Uberlândia* em ordem cronológica, em seguida, as do jornal *O Repórter* também em ordem cronológica.

A estrutura da apresentação das matérias consiste em título original, com a data da publicação e discussão do conteúdo com a inserção de trechos pertinentes das notícias.

A grafia original de todas as matérias e citações serão preservadas.

3.2 Jornal *Correio de Uberlândia*

3.2.1 “Rendeu-se a Alemanha?”, *Correio de Uberlândia*, de 29 de abril de 1945

A matéria é a primeira da capa do jornal e está em letras grandes e chamativas. Nenhum autor é identificado.

Em uma manhã de domingo, esta era a primeira notícia que os leitores do jornal *Correio de Uberlândia* veriam. Logo abaixo está a notícia, também em letras grandes, de que o líder italiano Benito Mussolini fora aprisionado.

O(A) autor(a) da matéria inicia seu discurso fazendo questionamentos acerca da suposta rendição da Alemanha nazista e, em seguida, responde:

Liberdade!... Uberlândia, que na vanguarda das comunas nacionais esteve sempre ao lado das forças libertadoras, podendo contar com diversos filhos seus em plena Europa derramando seu sangue, não resistiu à imensa alegria que a alviçareira notícia da rendição incondicional da Alemanha, lhe proporcionou, poucos minutos depois de ser conhecida a boa nova, toda a cidade era um mar delirante, sucediam-se os abraços,

lágrimas gotejavam nos olhos de centenas e centenas de pessoas [...] jamais se vira tamanho delírio, jamais uma vibração tão intensa sacudiu os nervos desta cidade sempre devotada a sua própria grandeza.

Esta seria a primeira festa relatada nos jornais de Uberlândia em comemoração ao fim da Segunda Guerra. O(A) autor(a) descreve que nunca fora vista a cidade em tamanho delírio e felicidade.

Ele(a) ainda levanta dúvidas acerca da rendição alemã, citando o desencontro de informações em relação ao assunto. Entretanto a principal mensagem que se passa ao leitor é de fato sobre a dimensão das comemorações ocorridas na cidade de Uberlândia.

A participação dos uberlandenses no desfecho próximo da Segunda Guerra Mundial teria se dado com comemorações com fogos de artifício e sirenes. Segundo o(a) autor(a), atordoados com tamanha agitação popular, motoristas teriam entrado em pânico e “cruzavam em todos os sentidos nas vias públicas”. Aparentemente a notícia do motivo da comemoração não havia ainda chegado aos ouvidos de todos.

Possivelmente a população de Uberlândia neste momento imaginava que tipo de impacto o final do conflito poderia ter em sua vida e em seu cotidiano.

3.2.2 “Executado Benito Mussolini e mais 17 comparsas”, *Correio de Uberlândia*, de 03 de março de 1945

A matéria (que tem o subtítulo: “Adolfo Hitler morre na fanática e inútil resistência de Berlim – Sob o peso esmagador dos Exércitos Soviéticos, Berlim foi totalmente vencida e ocupada. – As tropas nazista no Norte da Italia renderam-se incondicionalmente – A heroica F.E.B. escreveu em letras de ouro a mais edificante pagina da Historia Patria”) encabeça a página e tem bastante destaque. O título é chamativo e está em letras bem grandes em relação aos outros conteúdos da página. A notícia que conta aos leitores do jornal *Correio de Uberlândia* sobre a morte de Mussolini e Hitler vem antes mesmo do nome e da data do jornal. Não há nenhum autor identificado.

Devido às características descritas acima, subentende-se que é de extrema importância que o leitor tome conhecimento de tal fato. Afinal, antes mesmo de ter acesso ao nome do jornal e à data, o leitor já é informado sobre a morte dos dois líderes fascistas.

A matéria é dividida em duas partes, a primeira parece vir de um correspondente que está em outra localidade e a segunda, provavelmente foi escrita por algum membro da redação do jornal *Correio de Uberlândia*.

Na primeira parte, que descreve o cenário da morte de Benito Mussolini e comunica sobre a morte de Adolf Hitler, há a introdução: “Veio a derrocada final. Algumas periclitantes colunas, ainda mantêm acesa a chama fratecida. Um a um, vão tombando os sanguinários lunaticos do globo”.

O autor discorre sobre a morte em praça pública de Mussolini e de dezessete de seus companheiros. Hitler, por sua vez, é descrito como “jatancioso racista, lunático mór universal”, e sua morte teria sido uma “limpeza” no mundo. O autor finaliza: “E dessa maneira, homens que queriam o proprio mundo, não tiveram sequer uma cama para terminar os malfadados dias”.

Na segunda parte da matéria, com o subtítulo “Repercussão em Uberlândia”, que se refere à recepção destas notícias em Uberlândia, o tom é, acima de tudo, de comemoração e festa:

Todos esses acontecimentos, encheram de imensa satisfação o povo uberlandense. A mocidade garbosa das escolas desfilaram pelas ruas da cidade. A mole humana veio tambem para a rua.

Um grande comício popular teve logar na Avenida Afonso Pena em que fizeram ouvir varios oradores, tendo tambem pronunciado rara e ponderada oração, o Sr. Vasconcelos Costa, tendo ao terminar sido aplaudidissimo.

Prepara-se dessa forma, o povo cheio de civismo de nossa terra para a grande festa total.

E nós como povo excultamos, vibramos aguardando a [...] bendita da paz, para exaltar a unica grande Mãe – Pátria, que conhecemos – O BRASIL.

Aqui é possível notar a personificação da guerra. A morte de Hitler e de Mussolini, cada uma com suas particularidades, representava acima de tudo a vitória dos países Aliados e o fim da Segunda Guerra.

3.2.3 “A valorização dos Brasileiros”, *Correio de Uberlândia*, de 15 de julho de 1945

A matéria divide a página com outras. Está centralizada na página e seu título é relativamente atrativo em termos de dimensões. Seu autor é Mário Pinto Serva.

Ao longo do ano de 1945, especialmente no segundo semestre, é possível observar algumas chamadas que se parecem com anúncios que

convidam pessoas que sabem ler e escrever a ensinar pessoas analfabetas. Considerando o alto índice de analfabetismo entre a população uberlandense na década de 1940, este apelo se mostra muito pertinente.

Apesar de estas chamadas se encontrarem em alguns números do jornal *Correio de Uberlândia* no ano de 1945, esta é a primeira matéria que de fato aborda o assunto:

Hoje percorremos o mundo, fazemo-lhes a volta em dois dias, e pelo rádio sabemos de momento a momento tudo quanto se passa no globo inteiro. O que vale numa nação são os homens, homens de cultura e homens de ação, homens capazes e homens fortes. É o próprio homem que se educa a si mesmo. Daí a necessidade da extinção do analfabetismo, E é preciso que todas as Municipalidades acordem para a campanha de ação social, humana e cultural, deixando de cogitar apenas seu papel de varrer as ruas.

O autor ultrapassa a proposta de voluntários alfabetizarem pessoas menos favorecidas e apela à responsabilidade da prefeitura, das autoridades. Nessa linha de pensamento ele cita a Rússia, então URSS. A despeito das diferenças ideológicas entre um Brasil totalitário capitalista e uma Rússia comunista, ele enfatiza: “A maior força da Rússia atual, talvez é que Stalin abriu o caminho da oportunidade para todos. Ele despertou a latente capacidade das classes inferiores, que são 90% da população e levantou os talentos à evidência”.

O autor cita ainda que este sistema teria sido usado na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, o que teria elevado essas nações à altura das primeiras potências mundiais. Ele então conclui seu apelo:

É preciso que comece a nova era. É o próprio indivíduo que se educa a si mesmo. Que todas as prefeituras acordem afinal para a vida moderna, decretando e realizando a extinção do analfabetismo e valorizando ao máximo todos os brasileiros pela cultura física e mental.

Uma vez, que ainda hoje, na década de 2010, o índice de analfabetismo na cidade de Uberlândia é preocupante – estima-se que cerca de 18 mil pessoas (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010) maiores de 15 anos não saibam ler e escrever –, esta matéria publicada há setenta anos é de fato bastante pertinente.

O crescente interesse, ao longo do ano de 1945, na alfabetização da população uberlandense, nos leva a especular se tal interesse estaria relacionado ao anseio de ampliar o público (o mercado) de leitores do jornal *Correio de Uberlândia* para que suas matérias, ideologias e propagandas tivessem maior alcance.

3.2.4 “As transcendentais revelações das novas forças utilizadas em medicina – O progresso da arte de curar – A Bomba Atômica”, *Correio de Uberlândia*, de 18 de agosto de 1945

É a primeira matéria, desde o lançamento da bomba atômica, que fala desta temática. O título chama a atenção por seu tamanho, a reportagem é extensa e dividida em três partes do jornal. O autor é Dr. Rubens Carvalho e o jornal o intitula “Especialista em Doenças da Pele e Radioterapia Clínica”.

Desde o lançamento e a “descoberta” da existência da bomba atômica, esta é a primeira vez que este assunto surge nas páginas do jornal *Correio de Uberlândia*.

Diferentemente da maioria das outras matérias do jornal, esta possui uma linguagem científica. Contendo números e explicações de processos químicos, se estende por um espaço considerável e está dividida em três partes diferentes do jornal. Esta é, sem dúvida, a matéria relativa a acontecimentos da Segunda Guerra mais extensa de todo o ano de 1945, o que por um lado faz pensar sobre o nível de interesse dos costumeiros leitores do jornal *Correio de Uberlândia*, uma vez que foi a primeira matéria do jornal a abordar o tema da bomba atômica. É possível que houvesse entre a população de Uberlândia o anseio de saber mais sobre a arma que fizera tamanha destruição no Japão. Por outro lado, faz pensar sobre a influência conquistada entre os membros da redação pelo autor, em uma cidade interiorana e relativamente pequena na década de 1940.

O autor discorre sobre a bomba e os fatores químicos que a cercam. Ele faz questão de enfatizar que a radiação já era, neste momento, fato conhecido na área da medicina. Porém, a partir da bomba atômica esta passa a ser assunto de conhecimento e interesse geral.

Entre todas as ciências, entretanto, o autor enaltece a medicina:

A própria Medicina, talvez a ciência que mais progrediu nestes últimos anos, será a mais beneficiada, não obstante arcar com os transcendentais segredos da vida, esta que dá ao

homem luz e inspirações quase divinas, esta, que por fim virá então através de suas próprias experiências no campo da fisiologia médica humana, conhecer-se a si mesma, vendo então, com possibilidades novas, não mais para fora, no sentido único da exterioridade superficial, mas para dentro de si mesma, para dentro de seu próprio cérebro, de seus próprios olhos!

O autor discorre por linhas a fio sobre equipamentos a processos científicos. Em meio a tantos dados e termos científicos, o autor lança ao leitor um pensamento acerca da própria existência:

Veja agora como tudo é pequeno, e como ficará pequeno o homem depois disto e quão desprezível se tornarão os pequeninos caprichos de nossas vidas ou tic-tac amolante das horas, dos minutos, dos segundos.

3.2.5 “A despeito da energia Atômica”, *Correio de Uberlândia*, de 01 de setembro 1945

A matéria ocupa cerca de um quarto da página. O autor, Castro Costa, discute o peso na descoberta da energia atômica e a importância das fontes de energias já conhecidas e utilizadas.

Esta matéria possui um tom de crítica no que diz respeito à atenção, talvez demasiada, segundo transparece a fala do autor, dada à novidade da energia atômica. Ele compara o assunto ao freudismo, que teria sido, durante determinado tempo, tema constante em manifestações de pensamento.

Costa prevê que a energia atômica será assunto incessante em todos os meios e ironiza: “A teoria da desintegração atômica vai ser também objetivo de comentários em todas as rodas, desde o intelectual de alto coturno á mocinha de 14 ano que masca cliclé nas matinées dançantes dos domingos”.

O autor protesta e defende que, mesmo com essa descoberta, os já conhecidos meios de abastecimento de energia devem ser valorizados:

A energia hidráulica, de que o Brasil é excepcionalmente rico, deve, portanto, ser olhada com carinho pelo governo e pelo povo de nossa terra, uma vez constituir [sic], até o momento, uma das formas mais baratas de movimentação de indústrias, ao lado de proporcionar uma série enorme de benefícios de que a vida moderna não se pode abster. Os países de maior progresso atual são justamente aqueles que souberam aproveitar a tempo suas quedas d'água.

Costa cita lugares que colaborariam muito na produção de energia do país, em especial a Cachoeira Dourada, no rio Paranaíba, que teria o potencial hidráulico de 430 cavalos de força. Ele diz ainda que tal empreendimento abriria grandes perspectivas ao progresso da região de Minas Gerais e Goiás.

O discurso do autor, que se refere ironicamente às já conhecidas fontes de energia como “energiazinhas plebeias” com as quais a humanidade “vinha conseguindo realizar a civilização que conhece”, transmite um pensamento que pretende reivindicar as qualidades brasileiras; neste caso, a abundância de recursos para o fornecimento de energia hidráulica, afinal, o Brasil de 1945 havia se construído a partir de fontes de energia fornecidas por sua própria terra.

3.2.6 “O desequilíbrio político do após Guerra”, *Correio de Uberlândia*, de 28 de setembro de 1945

A matéria divide a página com várias outras e não possui grande destaque. Nenhum autor é identificado, mas parece vir de um correspondente, provavelmente norte-americano, de Nova York (vide o trecho: “devemos temer a mobilização mundial contra nós”).

Esta matéria levanta questões relativas à relação entre países Aliados após o lançamento da bomba atômica.

Até este momento, aparentemente, os países Aliados estavam em harmonia e colaborando entre si. A descoberta de uma arma como a bomba atômica parece ter sido um divisor de águas:

Com a entrada dos aliados em Toquio, encerrou-se o período irrestrito de amizade, colaboração, tolerância, e respeito que caracterizou os países aliados em suas próprias atitudes. Depois do golpear tremendo da “bomba atômica”, do golpe espiritual que esta descoberta ocasionou, tivemos o golpe mais rude e contundente da suspensão instantanea da Lei de Empréstimos e Arrendamentos.

[...]

E quanto á situação reinante na França nem é bom falar... Os Estados Unidos julgam-se potentes demasiadamente. Com a própria “bomba atômica”, a qual aliás não é nosso monopolio pois a conseguimos mediante um acordo com Grã-Bretanha, devemos temer a mobilização mundial contra nós.

Além dos trechos acima, o(a) autor(a) discorre firmemente a respeito da Grã-Bretanha que teria se sacrificado imensamente em prol de outros países no período da guerra.

A França, além de ter tido muitas perdas na guerra, também dependeria dos Estados Unidos, ainda mais do que a Inglaterra.

No trecho “Os Estados Unidos julgam-se potentes demasiadamente” fica clara a crítica aos Estados Unidos em relação ao lançamento da bomba atômica, que muito além de uma arma letal utilizada na Segunda Guerra Mundial, foi, acima de tudo, uma demonstração de força e de poder. É possível que essa postura tenha sido um divisor de águas em um cenário no qual a cooperação em prol do combate a um inimigo em comum reinava.

É possível observar, na obra *Um mundo ou nenhum: um relatório ao público sobre o pleno significado da bomba atômica*, a preocupação de cientistas norte-americanos no que diz respeito às questões políticas e militares que a descoberta da energia atômica engloba.

Há outras matérias do jornal *Correio de Uberlândia* com notícias sobre discussões entre os países Aliados no período seguinte ao lançamento das bombas atômicas no Japão. É possível notar que a descoberta de uma arma tão poderosa e destrutiva, que teria sido lançada em Hiroshima e Nagasaki sem aviso prévio aos países Aliados, abalou a confiança até então cultivada entre as principais potências deste bloco.

Até o momento desta matéria o clima de desconfiança e apreensão predominava entre os países que combateram juntos o Eixo. Após o ataque ao Japão, surge o questionamento de que a paz prevista com a rendição da Alemanha e da Itália fosse apenas uma “utopia”.

Posteriormente, em reuniões com as Nações Unidas, medidas seriam discutidas para que, a despeito da bomba atômica, se mantivesse a paz tão almejada desde o começo do combate ao Eixo.

3.2.7 “Estes são os bravos expedicionários de Uberlândia”, *Correio de Uberlândia*, de 14 de outubro de 1945

A matéria está na primeira página e a ocupa inteira. Em todo o ano de 1945, é a única edição do jornal que foi impressa com uma cor além da preta. Nesta primeira página, as fotos dos expedicionários estão na cor roxa. Nenhum autor é identificado.

A edição de 14 de outubro de 1945 foi especial, em homenagem aos soldados brasileiros que chegavam ao território nacional após lutarem na

guerra, e continha dezoito páginas – uma quantidade maior do que continham as edições regulares.

Esta matéria é estruturada de forma poética, como agradecimento aos soldados homenageados. O texto está centralizado na página, e nas laterais há dez fotos de, segundo o jornal, expedicionários uberlandenses, cada uma seguida do respectivo nome.

No centro da página, em letras grandes, o texto: “*Correio de Uberlândia* homenageando-os, sauda-os com efuzivo estusiasmo”.

Ao final da página, no centro, há a foto de um soldado no campo de batalha italiano e, logo abaixo, um pequeno texto enaltecendo a atuação dos soldados brasileiros na guerra:

As vossas vigílias, os momentos terríveis de incerteza, as noites friidas, de um rigor ainda mais acentuado para os vossos físicos acostumados ao clima tropical da nossa Pátria, o trabalho penoso de reconhecimento, em que o sair era certo e o voltar uma incógnita, a refrega, para que sob o fragor torrencial de pedaços de aço cuspidos das inimigas fosse estabelecida a sequência de vitórias, que tiveram como capítulos imortais – MONTEZE, CASTELNUOVO, PARAVENTO, MONTE CASTELO, SERRATO, TORINO, SUSANA que estão gravadas para a eternidade, nas paginas gloriosas da nossa tradicional história guerreira, onde pontificou um Duque de Caxias, um Tamandaré, um Osório.

[...]

O vosso exemplo, EXPEDICIONÁRIOS DO BRASIL, e especialmente o vosso, EXPEDICIONÁRIOS UBERLANDENSES, ficará como eterna advertência no presente, com vistas ao futuro.

Salve mocidade varonil, que em cada coração possuía um pedaço do próprio Brasil, que com orgulho, sobranceira valentia, certos do vosso insigne valor, elevaste mais alto ainda, o nome sagrado da Pátria querida.

Também sobre o retorno dos soldados brasileiros, Luis Felipe da Silva Neves (COGGIOLA, 1995) parte em brava defesa em relação à FEB e protesta que a recepção dos soldados brasileiros não teria sido digna e que as festas duraram pouco tempo:

O povo, passada a euforia da vitória, pouco queria saber das histórias de guerra, dos feitos de seus soldados. Um veterano lembra que muitas pessoas ficaram até irritadas ao constatarem que

os expedicionários chegavam em melhores condições físicas do que quando partiram.

Entretanto, para uma cidade das proporções de Uberlândia, a quantidade de matérias jornalísticas sobre o regresso dos combatentes foi razoável. De julho a outubro de 1945, são diversas as matérias que abordam o tema do regresso dos brasileiros a seu país. Dada a quantidade de habitantes na cidade de Uberlândia na década de 1940, é possível supor que esses soldados tenham vivido seus “momentos de fama” entre seus compatriotas.

É possível observar um enaltecimento absoluto em relação aos soldados brasileiros e um forte regionalismo. Passa-se a impressão de grande orgulho pelo fato de soldados da região de Uberlândia terem vivido de perto um momento histórico tão marcante e “lutado bravamente” pela honra de seu país. Nesta matéria descobrimos que o Brasil possui uma “tradicional história guerreira”, e, para reforçar a ideia de tal tradução, Duque de Caxias é apontado como exemplo de conduta e bravura.

Essa edição especial, bem como outras notícias que louvam os expedicionários brasileiros, especialmente os de Uberlândia e região, transmite a sensação de que celebrar a vida destes homens aproxima os cidadãos locais aos acontecimentos globais que fizeram parte da Segunda Guerra Mundial.

3.2.8 “Tráfico de mulheres no Japão”, *Correio de Uberlândia*, de 10 de novembro de 1945

Esta matéria é um relato da situação de muitas mulheres e meninas japonesas no pós-guerra. Seu(Sua) autor(a), conta que a princípio muitas famílias vendiam suas filhas para “lugares de prazer” em troca da promessa de boas roupas, alimento e um bom salário. Vale lembrar que a prostituição e o abuso de mulheres são situações frequentes em cenários de conflitos políticos-militares.

A matéria sustenta que a escassez de recursos financeiros das famílias destas meninas foi um fator decisivo para que as jovens se vissem submetidas a tal situação. Com o tempo, em decorrência da miséria e fome, mulheres e meninas passaram a ser expulsas de casa. Com isso, o número de venda de mulheres caiu, já que muitas delas acabavam recorrendo a estes mesmo “lugares de prazer” para sobreviver.

Ainda segundo o(a) autor(a), o livre tráfico de mulheres se dava a partir de acordos com a polícia e com o governo japonês. Haveria ali uma associação

que se encarregaria de proporcionar entretenimento aos soldados norte-americanos alocados no Japão:

O trust dos grandes patrões se abriga sobre o pretexto de filantropia e patriotismo e seu objetivo, segundo dizem, é tornar agradável a permanência dos norte-americanos no Japão. O moral aparentemente fica a salvo, por isso só se emprega a palavra “artista” para as jovens. Mas os jornais diariamente trazem anúncios em que se declaram que “as jovens sem experiência farão um bom negócio”. Resta saber se o governo nipônico protegerá durante muito tempo o tráfico de jovens.

Os hipócritas que se esforçam, não demasiadamente, em mascarar o caráter desses estabelecimentos – que seriam, na realidade, prostíbulos que teriam o intuito de transformar a estadia dos norte-americanos no Japão mais “agradável” – parecem ter uma postura muito semelhante à postura outrora presente no regime nazista, de defender que as condições das casas de prostituição na Alemanha nazista foram “melhoradas”, uma vez que ofereceriam um serviço de “utilidade pública”.

Esta matéria atesta uma situação em que as mulheres são vítimas da omissão (por parte do governo e das autoridades policiais) e da opressão (de financiadores do comércio de mulheres). Na matéria em questão, é possível verificar a situação das jovens japonesas, tratadas como mercadoria em uma sociedade dominada por homens, sob o falso pretexto de “cuidado e proteção”, e que tinham anulados seu poder de escolha e de autenticidade.

3.2.9 “A humilhação da Mulher Alemã”, *Correio de Uberlândia*, de 15 de dezembro de 1945

A matéria divide a página com várias outras. Não possui muito destaque na página, mas o título pode chamar a atenção de um interessado no que se passa com alemães no período pós-guerra. A autora é Vivianne Poitiere, e a notícia vem de Paris.

A autora alega que a repressão por parte dos Aliados em relação à Alemanha surtiu efeito, no que diz respeito ao reconhecimento de responsabilidades em relação aos acontecimentos da guerra. Este efeito teria repercutido mais entre as mulheres, que outrora trabalhavam a serviço do nazismo, no que nos homens:

É curioso que esse efeito moral tenha tido maior repercussão no seio do mundo feminino alemão, onde as sinistras aventuras das guardas alemãs dos campos de concentração tiveram o efeito de provocar a maior humilhação acentua-se à medida que novas atrocidades vão sendo descobertas pelos aliados na sua tarefa de apurar devidamente as responsabilidades dos chefes nazistas alemães.

O que não padece dúvida entretanto é que a família alemã saíra desta guerra reforçada moralmente e dificilmente voltará a entregar-se a outro fascinora como fez com Adolf Hitler.

Não raro a imagem das mulheres está diretamente ligada à construção e à manutenção da família. É muito interessante notar o diálogo entre Alcir Lenharo e Jean-Michel Palmier (LENHARO, 1986) no que diz respeito à idealização das mulheres no regime nazista.

Segundo eles, a mulher alemã (ariana, obviamente) era acima de tudo doutrinada para desempenhar seu papel de reprodutora e para, posteriormente, exercer seu ofício de mãe. Lenharo nos diz que esta mulher seria a “guardiã da raça ariana” e devia ficar confinada no âmbito doméstico, sempre submetida ao homem. Desta forma, a educação preparada para as mulheres se restringia a prepara-la para exercer a maternidade.

É intrigante notar que neste período, durante o nazismo, alguns valores são semelhantes aos de sociedades muito conservadoras, enquanto outros podem soar até liberais para um contexto de modelo social conservador, como ilustra o diálogo Lenharo-Palmier:

A mulher deveria tão somente exercer atividades nos trabalhos “tipicamente femininos”, de modo que sua capacidade de procriação não fosse prejudicada. De outro lado, a vida sexual não sofria proibições heterossexuais. O adultério não era condenado, as relações pré-conjugais também eram livres, as mães solteiras eram honradas, e a virgindade de moças deixava de ser valorizada.

É curioso contrapor este retrato da condição das mulheres alemãs neste período à realidade das mulheres brasileiras na nossa sociedade da década de 1940, em que a virgindade das mulheres era idolatrada e as relações sexuais antes do casamento malvistas, sendo passíveis de sanções legais. Como, por

exemplo, o crime de “Sedução”⁵ que vigorou no Brasil até meados do século XXI e que foi amplamente utilizado especialmente nesta década.

Ora, na Alemanha, enquanto valores como preservar as mulheres no âmbito doméstico e fora do meio político devido a sua “ingenuidade” são cultivados, outros como o tabu da virgindade perdem sua importância diante do dever absoluto de procriar – dever este que carrega o peso de uma “sociedade superior”. Neste caso, as mulheres que engravidavam de soldados da SS sem qualquer vínculo matrimonial ou afetivo com o único objetivo de procriação eram bem vistas.

Contudo, é importante citar que este cenário mudaria no ano de 1941, como aponta Lenharo, devido à procura de mão de obra para os trabalhos nas indústrias que surgiu com a economia de guerra. Milhões de mulheres foram mobilizadas para ocupar essas vagas.

Ora, entre tantos homens, entre eles soldados da SS, da Gestapo e oficiais, são as mulheres alemãs que sentem, nas palavras da autora publicada pelo jornal *Correio de Uberlândia*, mais fortemente a responsabilidade de todas as brutalidades ocorridas nos campos de extermínio. Assim, além da responsabilidade de perpetuar a “raça ariana” no período em que o regime nazista estava em vigor, sendo doutrinadas a acreditarem que seu papel se restringia apenas a procriar, após a queda do regime são estas mulheres que devem sentir o “efeito moral” de todo o estrago feito pelos nazistas.

Resgatando este papel das mulheres enquanto gestoras do lar e, acima de tudo, de mães, é a humilhação “da mulher alemã” que leva à construção de uma “família alemã reforçada”. A autora da matéria, embora critique o regime nazista, parece reforçar a ideia de que essas mulheres, tendo ou não trabalhado nos campos nazistas, foram transformadas pela humilhação das consequências do regime e acabam assumindo a responsabilidade de reestruturar a família alemã de forma que esta não ceda novamente aos ideais de homens como Adolf Hitler.

Aparentemente não importa a qual sistema ou regime a sociedade alemã esteja submetida, as mulheres têm responsabilidades grandiosas que parecem não ser reconhecidas.

3.3 O Repórter

⁵ “Sedução”; artigo 217 do código penal de 1940 e vigorou até 2005. Definição art. 217: “Seduzir mulher virgem, menor de 18 (dezoito) anos e maior de 14 (quatorze), e ter com ela conjunção carnal, aproveitando-se de sua inexperiência ou justificável confiança: Pena – reclusão, de 2 (dois) a 4 (quatro) anos”.

3.3.1 “O fim da Guerra: A cidade viveu momentos emotivos – O desfile dos estabelecimentos de ensino – Outras notas”, *O Repórter*, de 09 de maio de 1945

A matéria relata as comemorações que teriam ocorrido no dia anterior ao da publicação da matéria na cidade de Uberlândia. O título do texto chama a atenção do leitor e a notícia ocupa cerca de um quarto da página do jornal. Nenhum autor é identificado.

Este é um dos raros casos em que uma notícia referente à Segunda Guerra no jornal *O Repórter* se encontra fora da coluna destinada especialmente a notícias do conflito. É possível imaginar que esta matéria portava um acontecimento realmente importante e marcante para a cidade de Uberlândia.

Através desta matéria, é possível idealizar a festa que teria ocorrido no dia 08 de maio de 1945 nas ruas da cidade de Uberlândia com a declaração que relatava a rendição dos principais países do Eixo.

Segundo o(a) autor(a) da notícia, grande parte da população de Uberlândia se mobilizou, especialmente no centro na cidade, para festejar a promessa de paz que parecia surgir.

A descrição é de um cenário em que as ruas estão congestionadas e em que oradores (nenhum nome é citado) bradam em agradecimento aos países Aliados e seus líderes, ao Brasil e às Forças Expedicionárias Brasileiras. Ao fundo, o som dos fogos de artifício se funde ao som de sirenes de estabelecimentos. Sinos de igreja e Hino Nacional se somam à celebração.

Nas ruas, durante a noite, estudantes desfilam tocando tambores enquanto são aplaudidos pelo público uberlandense. O comércio teria fechado suas portas antes do horário habitual para que toda a população pudesse ir às ruas festejar:

A cena de uma manifestação curiosa e simbólica é lembrada:

Um grupo de populares organizou um cortejo fúnebre conduzindo caixões mortuários simbólicos de Hitler e Mussolini, entre assuadas gerais [...]. Esses ataúdes foram mais tarde queimados, conjuntamente com os retratos dos dois abomináveis tiranos.

Cinco dias antes desta celebração popular, havia sido noticiado no jornal Correio de Uberlândia que os líderes da Alemanha e da Itália haviam morrido.

Certamente essas notícias colaboravam para que a população se sentisse mais próxima dos acontecimentos globais tão marcantes. Um comício especial teria sido realizado em homenagem aos bravos expedicionários uberlandenses (estes seriam lembrados futuramente nos jornais locais, sempre ligados a adjetivos honrosos). Os integrantes da entidade cívico-militar Tiro de Guerra teriam agraciado as comemorações com “contribuição calorosa”.

É possível constatar que tal manifestação não foi totalmente espontânea um convite formal teria sido feito por uma “comissão organizadora” do evento. Quem escreve é uma pessoa de uma cidade que enviou expedicionários aos campos de guerra para lutar por seu país. Pessoa esta que é um(a) intelectual que faz parte da redação de um jornal, ainda que temporariamente, e que tem um linguajar com influências estrangeiras – é possível observar as influências norte-americanas na introdução de palavras da língua inglesa, talvez para acrescentar um sentido mais “sofisticado” ao discurso:

O povo acudiu em massa, atendendo ao convite, em boletins assinados pela comissão organizadora desse “meeting”, em nada inferior ao da noite de 7, pelo entusiasmo e numero de pessoas de regozijo.

É possível identificar através do discurso desta matéria uma vontade do povo uberlandense de se aproximar, ao menos culturalmente, das grandes metrópoles. É possível observar um texto cheio de orgulho em relação à celebração devido ao fim da guerra e de calorosa participação da população.

3.3.2 “Fatos de guerra”, *O Repórter*, de 24 de novembro de 1945

A matéria se divide em duas partes e esta na coluna que durante todo o ano de 1945 foi destinada às notícias relativas à Segunda Guerra. A coluna ocupa aproximadamente um terço da página. Nenhum autor é identificado.

A primeira parte da matéria diz respeito à bomba atômica. Sua introdução descreve cientificamente como ocorre o processo de explosão da bomba. O(A) autor(a) cita os ataques a Hiroshima e Nagasaki como exemplo do poder de destruição da bomba.

Em um tom otimista, o(a) autor(a) diz que a despeito de tamanha destruição, seria um grande ganho se tal tecnologia fosse utilizada como nova fonte de energia.

Em seguida, há três apontamentos interessantes. O primeiro diz:

Esta descoberta que pode trazer ao gênero humano imensas possibilidades em tempos de paz e que ultrapassa tudo o que fez até agora a eletricidade, o vapor e o fogo, poderia ter sido levada a cabo sem a guerra? Esse esforço colossal, em que colaboraram centenas de milhares de professores, engenheiros, operários, trabalhando em conjunto, suprimindo toda a espécie de ambição pessoal gastando 2 mil milhões de dólares poderia ter sido possível sem o incentivo da liberdade posta em perigo?

O segundo apontamento discorre sobre a possibilidade de o uso da tecnologia nuclear se restringir à destruição: “Esta arma tremenda abre ainda o abismo existente entre o conhecimento científico e técnico do homem e o seu desenvolvimento político e moral”.

Este “abismo” teria ficado evidente quando a Alemanha usou sua “superioridade material” contra países desprevenidos no início da guerra.

O terceiro apontamento demonstra a preocupação com um possível conflito posterior à Segunda Guerra: “Se esta guerra não foi a última guerra mundial, seria apesar de tudo, a penúltima porque com a utilização da bomba atômica e as bombas V-2, a guerra significaria a destruição da terra”.

A segunda parte da matéria, que possivelmente foi produzida por outro(a) autor(a), fala sobre a carta redigida pelo tenente-coronel G. J. A. Bartlett ao Arthur Williers, presidente do Hackney Sea Cadet Unit.

O(A) autor(a) descreve, a partir desta carta, os horrores vistos nos campos de extermínio nazistas, horrores estes que causariam náuseas e vômito naqueles que ousassem se aventurar em tais lugares. “Esqueletos vivos” de mulheres, homens e crianças emitindo sons em busca de ajuda impressionavam quem estivesse no local. A cena se agrava quando o autor da carta descreve:

Vi pessoas vivas entre cadáveres nus e em putrefação, a um ponto onde era impossível separar vivos de mortos. Vi homens e mulheres que haviam perdido todo o sentido de decência e sexo, despindo os seus farrapos lamentáveis e esforçando-se por lavar-se à vista de milhares. Vi outros, sentados entre cadáveres, babando-se e comendo hortaliças e, mais tarde para meu horror, fui informado de que haviam sido encontrados cadáveres com cortes internos recentes, o que comprovava o canibalismo [...]. Vi cadáveres nus tão contorcidos e carcomidos pelas doenças e a fome que era impossível determinar o sexo.

Diante da descrição de Batlett deste cenário tão grotesco que desafia os limites da imaginação, nos vem à mente Hannah Arendt, quando diz que os campos de concentração tornaram a própria morte anônima. Assim, nem a própria morte pertencia ao indivíduo submetido àquela condição.

Os sujeitos dentro dos campos de concentração nazistas perdiam sua identidade, sua personalidade e sua dignidade do modo mais degradante imaginável.

Através de notícias como esta é que a população de Uberlândia, ao menos os letrados, poderia ter noção da brutalidade que ocorria nos campos de concentração nazistas.

4 Considerações finais

Na análise dos jornais de Uberlândia no ano de 1945, é possível contar com matérias que pretendem deixar sua população ao menos a parcela letrada, informada acerca dos principais acontecimentos relativos à Segunda Guerra Mundial.

Quanto às matérias, que são de fato produções locais, nota-se o esforço em registrar manifestações e comemorações com a queda da Alemanha nazista e a derrota do Eixo.

Nas páginas dos jornais, especialmente do jornal Correio de Uberlândia, é possível ver o retrato de uma sociedade que anseia se informar acerca dos acontecimentos nacionais e globais. Mesmo com o alto índice de analfabetismo na década de 1940, o jornal informa ao leitor sobre comemorações e manifestações com grande participação popular que ocorrem devido a eventos relativos à Segunda Guerra. Ou seja, havia a circulação de informações por outros meios, provavelmente sendo o rádio o principal deles, e a troca de informações verbais entre os pares.

Como já foi dito e demonstrado anteriormente, é importante ressaltar que em 1945 os jornais retratavam uma postura contrária ao regime nazista e aos países do Eixo, no início da década esse posicionamento não é detectado. Seria preciso fazer uma pesquisa nos jornais de Uberlândia entre o final da década de 1930 e o início da década de 1940. Assim, seria possível estabelecer um paralelo destes posicionamentos políticos também através dos jornais.

A partir do documentário *Uberlândia – Cidade menina*, a “moderna” cidade que era Uberlândia nas décadas de 1930 e 1940, parece corresponder às peculiaridades observadas neste período no Brasil; um flerte com o totalitarismo da Alemanha nazista e em seguida um pacto com os Estados Unidos, em prol da destruição do Eixo.

Quanto a essas alianças e rupturas, não se pode deixar de citar outro fator presente nos jornais de Uberlândia no ano de 1945: a união entre Estados Unidos (capitalismo) e a URSS (comunismo) em prol de um inimigo em comum e, nos fins do conflito, um início de tensão entre as potências que viriam a protagonizar a Guerra Fria.

Sobre este peculiar momento de “união”, Eric Hobsbawn (HOBSBWAN, 1995) diz:

O que acabou forjando a união da Alemanha foi o fato de que não se tratava apenas de um Estado-nação com razões para sentir-se descontente com

sua situação, mas de um Estado cuja política e ambições eram determinadas por sua ideologia. Em suma, de que era uma potência fascista.

E sobre a volta dos antagonismos com o final da Segunda Guerra:

Jamais a face do globo e a vida humana foram tão dramaticamente transformadas quanto na era que começou sob as nuvens em cogumelo de Hiroxima e Nagasaki. Mas como sempre a história tomou apenas consciência marginal das intenções humanas, mesmo as dos formuladores de decisões nacionais. A verdadeira transformação social não foi pretendida nem planejada. E de qualquer modo, a primeira contingência que se teve de enfrentar foi o imediato colapso da grande aliança anti-fascista. Assim que não mais houve um fascismo para uni-los contra si, capitalismo e comunismo mais uma vez se prepararam para enfrentar um ao outro como inimigos mortais.

A era atômica havia começado, e no horizonte já se via a largada para a corrida armamentista que viria nas próximas décadas.

Referências

- ARENDDT, Hannah. *As origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ARENDDT, Hannah. *Totalitarismo, o paroxismo do poder*. Rio de Janeiro: Documentário, 1979.
- BLOCH, M. *Apologia da História ou o ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. Citado na página 10.
- CAMPOS, R. D. de. *No rastro dos velhos jornais: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da história da educação*. Revista Brasileira da História da Educação, v. 12, n. 1 (28), p. 45 – 70, Janeiro/Abril 2012. Citado 2 vezes nas páginas 7 e 8.
- COGGIOLA, O. *Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico*. São Paulo: Xamã, 1995. Citado 4 vezes nas páginas 14, 15, 17 e 31.
- CYTRYNOWICZ, Roney. *Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Geração Editorial: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- FEST, Joachim C.. *Hitler*. Rio de Janeiro: PocketOuro, 2010.
- FREITAS, C. de. *Fatos e homens da Segunda Guerra*. Rio de Janeiro: Bloch, 1966. Citado na página 16.
- GELLATELY, Robert. *Apoiando Hitler*. Rio de Janeiro: Record, 2011. HITLER, Adolf. *Mein Kampf*. São Paulo: Centauro, 2001.
- HOBSBAWN, E. J. *A era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Citado na página 39.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico 2010*. Brasília: [s.n.], 2010. Citado na página 27.
- KERSHAW, Ian. *Hitler*; tradução Pedro Maia Soares – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- LENHARO, A. *Nazismo: O triunfo da vontade*. São Paulo: Ática, 1986. Citado na página 34.
- LEVI, Primo. *É isto um homem?*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- MASTERS, D.; WAY, K. *Um mundo ou nenhum: um relatório ao público sobre o pleno significado da bomba atômica*. São Paulo: Paz e Terra, 2008. Citado 3 vezes nas páginas 20, 21 e 22.

MÁXIMO, C. G.; NETO, W. G. *A educação como fator de “Ordem e Progresso”* (Uberlândia-MG 1920-1945). 2001. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/EDU/edu1702.htm>>. Citado na página 7.

MAZOWER, Mark. *O império de Hitler: a Europa sob o domínio nazista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2014.

RYBACK, Timothy W. *A biblioteca esquecida de Hitler: os livros que moldaram a vida do Führer*; tradução Ivo Korytowski – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SEITENFUS, R. *O Brasil vai à guerra: o processo do envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Manole, 2003. Citado 3 vezes nas páginas 14, 15 e 18.

SILVEIRA, J. *Segunda Guerra Mundial: todos erraram, inclusive a FEB*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989. Citado 2 vezes nas páginas 18 e 19.

STACKELBERG, Roderick. *A Alemanha de Hitler: origens, interpretações, legados*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002.

Anexos



LEIA HOJE:
Rendeu-se Berlin?
- Revolta em Figueiras
- Matéria de poder o Gal. Ritter
- Peliram auxilio aos aliados
- Mussolini foi aprisionado
- Curcio Gaspar Dutra.

CORREIO DE UBERLANDIA

ABRIL
1915
29
DOMINGO

Director: **HOSTILIO ALVES DE OLIVEIRA** Gerente: **ALBANO DE MORAES**
ANO IX Redação e Administração: RUA SANTOS DUROV, 207 UBERLANDIA, Minas (Triângulo Mineiro) Caixa Postal 202 - Tel. 1.047 HON. TELEG. "DIÁRIO" N.º 1643

RENDEU-SE a Alemanha?

RENDEU-SE A ALEMANHA NAZISTA? A PAZ DESCEU SOBRE A EUROPA? ESTE ANCOU-SE O SANGUE QUE CACHORRAVA NO MUNDO E RESUBIRGO DAS CINZAS DA GUERRA HORRENDA, AS CONQUISTAS IMARCESSIVEIS DE TODOS OS POVOS? LIBERDADE!... UBERLANDIA, QUE NA VANGUARDIA DAS COMUNAS NACIONAIS, ESTEVE SEMPRE AO LADO DAS FORÇAS LIBERTADORAS, FRENDO CONTAR COM DIVERSOS FILHOS SEUS EM PLENA EUROPA DERAMANDO SEU SANGUE, NÃO RESISTIU A IMENSA ALEGRIA QUE A ALVIA CARREIRA NOTICIA DA RENDIÇÃO INCONDICIONAL DA ALEMANHA, LHE PRECIPITOU. POUCOS MINUTOS DEPOIS DE SER CONHECIDA A BOA NOVA, TODA A CIDADE ERA UM MAR DELIRANTE, SUCEDIAM-SE OS ARRAVOS, LAGRIMAS GOTELAVAM NOS OLHOS DE CENTENAS E CENTENAS DE PESSOAS, O ESPERAR ININTERMITTO DE FOGOS, SIRENES ESPRIDIAVAM, AUTOMOVES COMO QUE TOMADOS DE PÂNICO, CRUZAVAM EM TODAS OS SENTIDOS NAS VIAS PÚBLICAS. JAMAIS SE VIU TAMANHO DELÍRIO, JAMAIS UMA VIBRAÇÃO TÃO INTENSA SACUITE OS NERVOS DESTA CIDADE SEMPRE DEVOTADA A SUA PRÓPRIA GRANDEZA, O TELEFONE DESTA POBLIA, VERDADEIRA PALADINA DOS PRINCÍPIOS DEMOCRÁTICOS, TIRIUNDA DO PÓVO E PELA QUAL SEMPRE FEZ SENTIR TODO O VIGOR DA SUA OBRA EM DEFEZA DO QUE MAIS SAGRADO EXISTE NA FACE DA TERRA, AS LIBERDADES HUMANAS, O REPAPITO PELAS DITIRIBOS DE CALDAIA E DO PÓVO, TILANTO INCESSANTEMENTE, TODOS QUERIAM SABER O QUE DE VERDADE EXISTIA, NOS NUS NEROS PORTOS, ATIANTOS AO PÁTO SARMAMOS O QUE TODO O MUNDO SARMIA... A ALEMANHA

Revolta EM FIGUEIRAS - Matéria de poder o Gal. Ritter - Peliram auxilio aos aliados MUSSOLINI FOI APRISIONADO!

RI O, 28 - (Serv. de posta deve ser apresentada em com...)
palhaço do facis...
mo foi ap s onado...
ro. Depois de quasi...
tres anos já estamos...
na para o bem de nossa Pá...
tria.
Não se pôde negar ao ar...
... horas

Executado Benito Mussolini e mais 17 comparsas

Adolfo Hitler morre na fanática e inútil resistência de Berlim - Sob o peso esmagador dos Exércitos Soviéticos, Berlim foi totalmente vencida e ocupada - As tropas nazistas no Norte da Itália renderam-se incondicionalmente -- A heróica F.E.B. escreveu em letras de ouro a mais edificante página da História Patriótica

Veio a derrocada final. Algumas peraltantes colunas, ainda mantidas acesas a chama fratricida. Um a um, vão tombando os sanguinários lunáticos do globo.

Benito Mussolini (El Duce), pagou com a vida o rosário de desditas que fez o seu povo desfiar durante 20 longas e cruciantes décadas. Nesse triste fim teve por companheiros outros 17 comparsas, que assinaram o mesmo mercedoso castigo do «chefe». Milão na mesa praça outrora de p o s i t á r i a dos cadáveres das vítimas do Duce, estiveram expostos os cadáveres das colunas mes-

tras do fascismo; Benito e seus asseclas.

Na Alemanha, em plena Berlim, Adolfo Hitler, o fanático racista, o lunático mór universal, encontrou a morte, que limpou o mundo de uma das mais tremendas pústulas.

No norte da Itália, as forças nazistas e algumas remanescentes tropas fascistas, entregaram-se incondicionalmente as tropas aliadas. E dessa maneira, homens que queriam o próprio mundo, não tiveram sequer uma cama para terminar os malfados dias.

Repercussão em Uberlândia

Todos esses acontecimentos, encheram de imensa satisfação o povo uberlandense. A mocidade garbosa das escolas desfilaram pelas ruas da cidade. A mole humana veio também para a rua.

Um grande comício popular teve lugar na Avenida Afonso Pena em que se fizeram ouvir vários oradores, tendo também pronunciado rara e ponderada oração, o Sr. Vasconcelos Costa, tendo ao terminar sido aplaudidíssimo. Prepara-se dessa for-

ma, o povo uberlandense, o povo brasileiro, o povo civilizado de nossa terra, para a grande festa total.

E nós, com o coração exultante, aguardando a benedita da paz, exaltamos a Mãe-Pátria que nem celebra...

CORREIO DE UBERLANDIA

UBERLANDIA, Quinta-Feira, 3 de Maio de 1945

Figura 2 - Matéria 2

SOCIAIS

ANIVERSARIOS

Dr. Francisco de Paula...
Dr. João de Deus...

HOSPEDES

Dr. Mário Dias Campos...
Dr. João de Deus...

VISTAS

Demócrito Wanderkott...
Dr. João de Deus...

Reparem os nossos artigos...

Com a satisfação que...
Dr. João de Deus...

Edital de protesto

Acha-se em meu cartório...
Dr. João de Deus...

Automóvel

Vende-se um...
Dr. João de Deus...

Edital

Associação Comercial de...
Dr. João de Deus...

Edital de protesto

Acha-se em meu cartório...
Dr. João de Deus...

Figura 3 – Matéria 3



Figura 4 – Matéria 4, parte



Figura 9 – Matéria 8

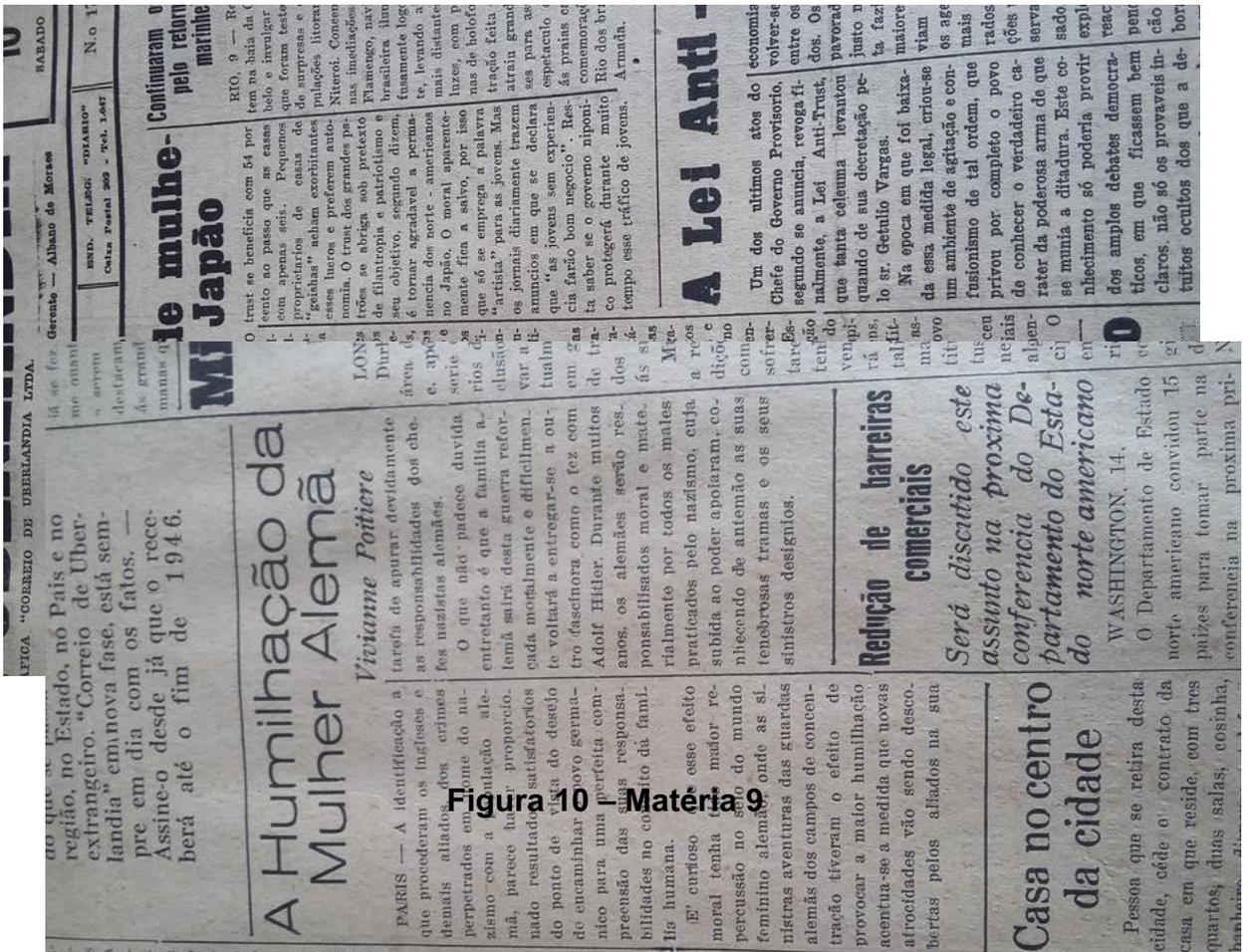


Figura 10 – Matéria 9

Figura 11 – Matéria 10

Figura 13 – Frequência de matérias relativas à Segunda Guerra Mundial

